

**O CÉU, O FEIJÃO, A FOME: CONFIGURAÇÕES DO ESPAÇO NA ESCRITA DE
*QUARTO DE DESPEJO***

Mariana Patrício Fernandes (UFRJ)¹

Resumo: O artigo pretende entrever modos pelos quais a escrita de Carolina Maria de Jesus engendra outras formas de concepção da relação entre literatura e espaço literário fazendo vibrar e estremecer fronteiras tradicionais que distinguem literatura e vida, real e imaginário, referente e significativo. O que se apresenta em *Quarto de despejo* é uma escrita onde o relato íntimo é pura exterioridade, janela aberta para o espaço sideral e para os traços brutais da fome, criando uma cena outra que enfrenta mecanismos de exclusão, escapando a eles.

Palavras-chave: Espaço; literatura; diário íntimo; Carolina Maria de Jesus; corpo.

Fiz a comida. Achei bonito a gordura fringindo na panela. Que espetáculo deslumbrante! As crianças sorrindo vendo a comida ferver nas panelas. Ainda mais quando é arroz e feijão. É um dia de festa para eles.

A primeira coisa que faço é abrir a janela e contemplar o espaço. (Carolina Maria de Jesus, 2007).

No final dos anos 1950, a escritora e catadora de papel mineira, Carolina Maria de Jesus, guardava um caderno e um lápis embaixo do travesseiro no qual escrevia um diário. Nos cadernos, a escrita tece uma costura singular entre anotações sobre o preço dos gêneros alimentícios, reflexões a cerca da política nacional, digressões poéticas sobre o céu de São Paulo, a experiência de ser mãe de 3 filhos em uma vida miserável, e registros do cotidiano da favela do Canindé, onde mora. O solo comum sobre o qual repousa esse texto é a marca dos dias no topo da página.

O diário vem a público em 1960, editado pelo jornalista Audálio Dantas que se depara com ele ao ser enviado ao Canindé pela revista *Cruzeiro* para escrever uma reportagem sobre a favela. A publicação tem sucesso imediato, vendendo quase cem mil cópias, um fenômeno para o mercado editorial brasileiro.

A hipótese desse artigo é que o fascínio literário que *O quarto de despejo* exerce em seus leitores se deve em grande parte à força com a qual pressiona a linguagem a seu limite exigindo outras abordagens do que entendemos por literatura, ou ainda por

¹ maripatricio22@gmail.com



espaço literário. Isto porque subverte dicotomias conhecidas que demarcam fronteiras entre autobiografia, poesia, jornalismo e registro cotidiano. Abrindo, dessa maneira, esteticamente, outros modos de experimentar a relação entre a literatura e a vida, na qual as palavras que se inscrevem no caderno são marcadas por uma força de de re-existência literária e literal.

Quarto de despejo abre espaços de coexistência a primeira vista, impossíveis, irrepresentáveis que, no entanto, só ganham esse estatuto a partir de uma lógica hierárquica que o texto de Carolina de Jesus desmonta. Sua escrita para existir desfeticiza a pobreza e ao mesmo tempo transforma a sobrevivência em matéria literária. Em um gesto ao mesmo tempo arriscado e delicado que não recua e que com isso cria uma zona, nem utópica, nem heterotópica da experiência.. Esse outro espaço infra-significante no qual foram lançadas todos os temas relativos ao que ocidente definiu como coisa de mulher: a maternidade, os cuidados reprodutivos, a economia doméstica agora tomam a cena sem pedir licença, arrastando no fluxo dos dias significados e locais bem definidos de escrita e leitura. Mas esta outra cena não se oferece em espetáculo a ser consumido, como propõem algumas leituras da obra da escritora.

O que se deseja pensar aqui , a partir de *Quarto de despejo* então, é de que modo a sua abertura entretém outras formas de conceber o espaço literário e sua relação com os espaços que o atravessam, em um país em que as feridas abertas pela violência colonial racista e machista ainda latejam, exigindo que levemos a sério a discussão a respeito da relação entre literatura e liberdade. Partiremos então da discussão acerca de espaços utópicos e heterotópicos levantada pelo filósofo Michel Foucault para pensar em como essas noções se embaralham da escrita de Carolina Maria de Jesus.

Ablui as crianças, aleitei-as e ablui-me e aleitei-me.
Esperei até as 11 horas um certo alguém. Ele não veio. Tomei um melhoral e deitei-me novamente.
Quando despertei o astro rei deslizava no espaço. A minha filha, Vera Eunice dizia – Vai buscar água mamãe. (JESUS, 1993, p,12).

Utopia/heterotopia: O quarto de despejo

A questão do espaço era uma questão principal em torno da qual girava o pensamento de Michel Foucault, em meados dos anos 1960. 1966 é o ano de *As palavras e as coisas* e da conferência radiofônica que pronuncia acerca da relação entre literatura e utopia. Transmissão essa que rende a Foucault um convite para apresentar uma palestra em 1967 no Círculo de Estudos Arquiteturais de Paris e que compõem - conferência radiofônica e palestra - o corpo da publicação lançada no Brasil em 2013 chamada *O corpo utópico, as heterotopias*.

As palavras e as coisas, segundo Foucault seria um eco ressonante da *História da Loucura*. Em ambos tratar-se-ia de pensar como uma cultura estabelece o que o filósofo chamará de “grande tabuleiro de identidades distintas que se estabelece sobre o fundo confuso, indefinido, sem fisionomia e como que indiferente das diferenças”. E segue:

a história da loucura seria a história do Outro – daquilo que, para uma cultura é ao mesmo tempo interior e estranho, a ser portanto excluído (para conjurar-lhe o perigo interior) encerrando-o porém para reduzi-lhe a alteridade); a história da ordem das coisas seria a história do Mesmo – daquilo que, para uma cultura, é ao mesmo tempo disperso e aparentado, a ser portanto distinguido por marcas e recolhido em identidades”. (Foucault, 2000, p. XIV).

A ordem para Foucault portanto é um grande tabuleiro, o nosso solo “silencioso e ingenuamente imóvel” que no limiar da modernidade começa a rachar. Nessas rachaduras a ordem se faz ver em sua nudez. Deixa de ser transparente. Se opacifica. Nesses interstícios também, nos limiares, surgem espaços improváveis que produzem um paradoxo nos modos de ser da ordem, ao mesmo tempo afirmando-as e dissolvendo-as. As heterotopias.

O prefácio de *As palavras e as coisas* abre com o já célebre exemplo da enciclopédia chinesa de Borges que arruinaria o próprio espaço comum dos encontros ao criar categorias completamente insólitas que encontram um limite em nosso pensamento. O impossível não é a vizinhança das coisas, é o lugar mesmo onde elas poderiam avizinhar-se. Trata-se de uma questão de espaço, de *onde*. O inquietante dessa disposição de coisas tão díspares entre si é a impossibilidade de definir, nas palavras de Foucault, “por baixo de umas e outras, um espaço de acolhimento, um lugar-comum”.



Que Borges finalmente torna possível ao evocar a nacionalidade da enciclopédia. A China seria esse lugar para o imaginário ocidental que representa o paraíso da extensão, e de outros modos de relação entre as palavras e as coisas:

Para nosso sistema imaginário, a cultura chinesa é a mais meticulosa, a mais hierarquizada, a mais surda aos acontecimentos do tempo, a mais vinculada ao puro desenrolar da extensão.(Foucault, XV).

A Enciclopédia chinesa de Borges, entretanto, provoca em Foucault um riso desconfortável por fazer entrever esse tipo de região mediana entre o possível e o impossível.

Sobre esses espaços Foucault falará mais em *O Corpo Utópico, as heterotopias*. As heterotopias teriam como regra geral justapor em um lugar real vários espaços que, normalmente, seriam ou deveriam ser incompatíveis. (Foucault, 2013, p.24) são contestações míticas e reais do espaço em que vivemos. Os jardins, os cemitérios, os asilos, as casas de tolerância, as prisões, os clubes de férias do Mediterrâneo. A sociedade ocidental teria transformado, cada vez mais, os lugares heterotópicos em centros de confinamento de subjetividades desviantes. Casas de repouso, clínicas, prisões. Seriam como o limiar da ordem. Ao mesmo tempo fechamento e abertura. A possibilidade do sonho. Um barco que flutua sobre as águas, fechado em si, livre de sentido, atracando de porto em porto atrás do que há de mais precioso. Nas civilizações sem barco, escreve Foucault, os sonhos se desvanecem, a espionagem substitui a aventura, e a truculência dos policiais, a beleza ensolarada dos corsários. Poderíamos concluir, a partir de Foucault, que sem heterotopias seria como se não houvesse fora. Como se estivéssemos confinados ao presente.

A literatura de Carolina Maria de Jesus, investe contra o confinamento no qual o poder pretende encarcerar espaços heterotópicos, justapondo a literatura, ao seu quarto em um barraco em uma favela paulista, em um Brasil do desenvolvimento desigual. O caderno justaposto ao travesseiro. O quarto de despejo se transformando em página de livro, o livro se transmutando em quarto. Formando assim uma relação parcial e não excludente entre vida e escrita cheia de interrupções e intromissões, em um espaço que

não se deixa confinar e que invade outros espaços aos quais não foi convidado.² Rompendo hierarquias sobre quem pode escrever, quando e como.

O intelectual rico em seu gabinete, enquanto mulheres subalternas executam o trabalho doméstico que o tiraria de sua concentração, esse ambiente a que a escritora chamaria posteriormente de *Casa de Alvenaria* dá espaço a uma escrita que estilhaça os espaços lisos e lustrados e que entretanto é capaz de ressignificar o papel, o suporte, o texto, a cidade que percorre.

A comida no estômago é como combustível nas máquinas. Passei a trabalhar mais depressa. O meu corpo deixou de pesar. Comecei a andar mais depressa. Eu tinha a impressão que eu deslizava no espaço. Comecei sorrir como se tivesse presenciado um lindo espetáculo. E haverá espetáculo mais lindo do que ter o que comer? (Jesus, 1993, p.40)

Quarto de despejo é um livro repleto de espaços imaginários, utópicos que Carolina Maria de Jesus descreve como espetáculos: corpos que deslizam no espaço, alimentos que se iluminam na panela, e o maior desses espaços, o céu e os astros que como corpos celestes deslizam, apontando para a possibilidade de um outro mundo.

(...) Quando estou com pouco dinheiro procura não pensar nos filhos que vão pedir pão, pão, café. Desvio meu pensamento para o céu. Penso: será que lá em cima tem habitantes? Será que eles são melhores do que nós? (...) será que lá existe favela? E se existe favela, será que eu vou morar na favela? (Jesus, 1993, p.45)

Mas estas projeções utópicas são sempre perfuradas, justapostas, por um espaço outro que se impõe. O do quarto do despejo, das crianças com fome, das panelas quase sempre vazias, dos mosquitos e vermes, sobre o qual o corpo que escreve se movimenta com força e cansaço. A escrita cartografa essa justaposição de espaços aparentemente impossíveis de ocorrerem simultaneamente. Aparência produzida por uma ideia ainda muito marcada no pensamento ocidental para a qual pensamento e corpo andam

² A tese de doutorado de Denise Aparecida do Nascimento (2014) analisa as escritas heterotópicas das escritoras Conceição Evaristo e Geni Guimarães, pensando sobre como essas autoras redefinem a relação entre literatura e pertencimento. Nascimento destaca a influência da escrita de Carolina Maria de Jesus na obra de Conceição Evaristo. Fato aliás muitas vezes mencionado por esta escritora, que aponta Carolina como uma das vozes que compõem o seu conceito de *Escrevivência*, no qual as histórias das mulheres negras não mais servirão para embalar o sono tranquilo dos senhores brancos.



separados e que implicitamente fazem crer que para pensar é preciso estar só, apartado do mundo, fora do chão. Que corpo sustenta esse pensamento? Sob que condições ?

A utopia como apagamento do corpo foi pensada e problematizada por Foucault em *Corpos Utópicos, as heterotopias*. O corpo, segundo o filósofo, estaria sempre em outro lugar, imagem no espelho, unidade imaginada como a Cidade do Sol: “não tem lugar mas é dele que irradiam todos os lugares possíveis” (Foucault, 2013 p.14) A experiência de fazer amor, segundo Foucault, faria refluir no corpo toda a utopia “No amor o corpo está aqui” (idem, p.16)

Em *Quarto de despejo* o aqui do corpo está sempre presente. Pela experiência da fome, mas também da necessidade permanente do cuidado com a casa, com os três filhos, com o preço dos alimentos. Poderíamos dizer que trata-se de uma escrita heterotópica, ainda que os exemplos dados por Foucault todos digam respeito a um espaço que estabelece um limite entre o dentro e o fora: o teatro, o cinema, o cemitério, os manicômios, os jardins. No diário de Carolina Maria de Jesus tudo é exterioridade, o barraco aberto para a favela, uma escrita que percorre a cidade catando papel e lata, o quarto sempre invadido pelos despejos de um cotidiano em que tudo é desde sempre fora, invadindo o território da escrita, inundando-a. Forçando o pensamento a entrever outros modos de relação com o corpo, com o mundo.

Ainda que pequenos pontos de fechamento possam ser reconhecidos. Breves momentos de solidão para escrever, sempre atravessados pelos gritos dos vizinhos que adentram a folha. O desejo de intimidade nunca respeitado. Mantido apenas pela marca dos dias no topo das páginas. O signo que fecha essa abertura no espaço. O tempo que corre. A única dimensão verdadeiramente utópica de *Quarto de despejo*.

A vergonha de ser uma mulher. Haverá razão melhor para escrever?

Em *Calibã e a Bruxa* (2017), Silvia Federici critica as teses marxianas sobre trabalho por ater-se ao operariado e não levar em conta os trabalhos exercidos por mulheres no espaço doméstico. Destaca também a reação misógina que se seguia a qualquer movimento emancipatório das mulheres, como a caça às bruxas durante o período da inquisição na Europa.



Federici também critica o modo como Foucault em suas teses biopolíticas ignora as relações específicas que o capitalismo e a modernidade engendram nos corpos das mulheres. Invisibilizando o trabalho doméstico, o cuidado cotidiano, repetitivo, que não instaura uma ruptura no tempo, nem um outro lugar, mas que é a força oculta que faz com que os homens produzam e se reproduzam.

Ao silenciar sobre esse trabalho, desqualificando-o, tudo se passa como se fosse matéria infra-significante, infra-literária, sem a qual nenhuma atividade se torna possível, mas sobre a qual nem sequer vale a pena falar.

Quarto de despejo desorganiza completamente essa lógica do silenciamento, transformando em espetáculo os gestos cotidianos de sobrevivência, em geral jogados para a fora da cena. Mas a noção de espetáculo com a qual a autora trabalha não segue a lógica fetichista na qual as representações são arrancadas de suas conexões paradoxais e dolorosas.

Espectáculo, utopia e outros procedimentos de fenda no espaço tempo se dão sem apagar os elementos que o compõem. O feijão é espetacular porque feijão, não por algum simbolismo ou metáfora. Aqui tudo é simultaneamente concreto e mágico. Experiência que ao mesmo tempo fascina e dificulta a leitura do diário dentro de uma perspectiva que dicotomiza categorias como real e imaginário, referente e significante, intimidade e exterioridade. Categorias que se baseiam em uma perspectiva ocidental e europeia de subjetividade em sua relação com as esferas da experiência.

Quarto de despejo faz tremer todas elas, apostando na potência da escrita em fazer vibrar as fronteiras da cidade, do corpo e da literatura. A escrita como arma contra o patriarcado, o racismo e a desigualdade social, no modo como aniquilam subjetividades, esmagando-as, consiste aqui em Carolina Maria de Jesus em ressignificar a lógica do espetáculo, sem nunca totalizá-la. O céu sempre em relação com o corpo que fede, porque trabalha, o trabalho e o sonho, a maternidade e a política se apresentam no espaço de uma voz que ignora o silenciamento que a sociedade lhe impõe.

Nesse sentido, o diário de Carolina Maria de Jesus amplia as possibilidades de interpretação da pergunta feita por Gilles Deleuze no primeiro capítulo de seu livro *Critica e Clinica* (1997). Deleuze relaciona a literatura a um processo de minoração de subjetividades dominantes e, a partir de Primo Levi, retoma a questão: a vergonha de ser um homem, haverá razão melhor para escrever? A vergonha de ser um homem,



escreve Deleuze é produtora de um devir minoritário, que nos desidentifica das formas de expressão dominantes. Entraríamos sempre em um devir-mulher, animal ou vegetal que não diz respeito à matéria vivida ou às lembranças, mas ao informe, às zonas de indiscernibilidade que deixam entrever outros modos de vida. Para devir em literatura, seria preciso deixar de dizer eu, sair da estrutura neurótica edipiana que remete tudo a papai-mamãe.

Contudo, como aponta Gayatri Spivak, no texto publicado em 1988, *Pode o subalterno falar?*, a crítica deleuziana ao sujeito implica em ter como ponto de partida um Sujeito cujas referências são europeias e ignora as condições econômicas sobre as quais esta noção de sujeito se assenta (2014). Em *Quarto de despejo* a estrutura edipiana cujo foco é o indivíduo burguês atomizado e autoreferente da modernidade europeia não tem lugar. A não ser como signo de exclusão pertencente ao mundo das casas de alvenaria que a autora frequentará após a publicação do primeiro diário, como estrangeira. A operação se inverte e a escrita aqui perde a vergonha de ser uma mulher, fazendo emergir no espaço liso e asséptico da página em branco, tábula rasa do sujeito cartesiano, o espaço da cozinha, com suas panelas no fogo e o barulho das crianças. Mas essa inversão não passa pela reconstituição de uma identidade dominante. Carolina Maria de Jesus não entra em um devir-homem para escrever. Nem a voz que anuncia os dias se coloca nesse lugar.

– Quando eu era menina o meu sonho era ser homem para defender o Brasil porque eu lia a história do Brasil e ficava sabendo que existia a Guerra. Só lia nomes masculinos como defensor da pátria. Então eu dizia para a minha mãe.

- Por que a senhora não faz eu virar homem.

Ela dizia:

- Se você passar por debaixo do arco-íris você vira homem.

Quando o arco-íris surgia eu ia correndo na sua direção. Mas o arco-íris estava sempre distanciando. Igual os políticos diante do povo. Eu cansava e sentava. Depois começava a chorar. Mas o povo não deve cansar. Não deve chorar. Deve lutar para melhorar o Brasil para os nossos filhos não sofrer o que estamos sofrendo. Eu voltava e dizia para a mamãe



- O arco-íris foge de mim. (Jesus, op.cit, p.48)

A identidade masculina dominante está sempre em fuga. A literatura por sua vez também funciona como forma de evasão emancipatória contra o casamento em uma sociedade patriarcal e machista.

Um homem não há de gostar de uma mulher que não pode passar sem ler. E que levanta pra escrever. E que deita com lápis e papel debaixo do travesseiro. Por isso eu prefiro viver só para meu ideal. (Jesus, p.44)

A literatura como ideal na escrita de Carolina Maria de Jesus funciona como esse arco-íris sempre em fuga do qual não é possível abdicar. E que não permite pouso fixo, como demonstrou a escrita de *Casa de Alvenaria*. A escrita é abertura no espaço, pura exterioridade, desejo de um comum não totalizante em que histórias silenciadas possam ser ouvidas, cantadas. O desejo de escrita vem junto com um desejo musical de embalar outros sons em um Brasil da exclusão. Sons que fazem vibrar e estremecer ao mesmo tempo territórios bem definidos onde se é permitido falar em literatura. Vibração que Carolina Maria de Jesus não abandona, mesmo que isso ponha em risco a estabilidade dentro das quatro paredes caídas da casa de alvenaria.

Nesse 2017 em que esse duplo sentido entre vibração e estremecimento parece fazer ruir o solo das instituições brasileiras é preciso saber entrever a possibilidade de criação de novos espaços de abertura. Nos quais a linguagem faça correr e transbordar forças represadas em um sistema excludente. Para que um solo comum não se defina a partir de territórios fechados, mas como passagem e abertura que garanta o que Jean-Luc Nancy chamou de exigência de estar no mundo (1993).

Referências bibliográficas

DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34, 1997.

FEDERICI, Sílvia. *Calibã e a bruxa. Mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Editora Elefante, 2017.



FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
_____. *O corpo utópico, as heterotopias*. São Paulo: Martins Fontes, 2013

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada. Diário de uma favelada*. 9ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2007.

NASCIMENTO, Denise Aparecida. *Espaço e heterotopias nas obras de Conceição Evaristo e Geni Guimarães*. Tese de doutorado defendida pela UFJF, 2014.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.